


# "É bonita demais para mucama":
## Casamento e trabalho feminino em Bernardo Guimarães

DANIELA MAGALHÃES DA SILVEIRA*

Na década de 1870, Bernardo Guimarães parecia dedicado a escrever textos literários que pudessem dialogar com os desdobramentos que levariam ao processo que culminou com o término da escravidão no Brasil. Em 1875, apareceu o seu mais conhecido romance: *A Escrava Isaura*. Para a construção de suas personagens e diálogos, o literato mineiro valeu-se das discussões em torno da aprovação e da aplicação da lei de 28 de setembro de 1871. Seu posicionamento e conhecimento em torno daquelas discussões devem ter sido facilitados por causa de sua experiência no meio jurídico, considerando que Bernardo Guimarães havia se formado na Faculdade de Direito de São Paulo e atuado como juiz em Goiás. O romance serve, então, para refletirmos sobre as interlocuções do literato, bem como as soluções por ele encontradas para um momento decisivo em torno da reorganização dos mundos do trabalho.

Ao longo do romance somos apresentados a três personagens femininas de destaque: Isaura, Malvina e Rosa. A construção do perfil delas pode nos ajudar a entender um pouco mais a respeito do posicionamento desejado por aquele literato às mulheres de seu tempo. Isaura aparece logo nas primeiras páginas. Essa personagem ficou mais conhecida por causa da novela da Rede Globo de Televisão, estrelada por Lucélia Santos, entre 1876 e 1877. Foi, assim, associada a uma escrava branca, sem qualquer traço que pudesse denunciar a sua descendência africana. Vejamos como isso acontece no romance original. Isaura aparece tocando piano, instrumento associado às classes abastadas. A melodia entoada fazia lembrar as dores da escravidão. Apesar disso, a atenção voltava-se para a cor da personagem: "A tez é como o marfim do teclado (do piano), alva que não deslumbra, embaçada por uma nuança delicada, que não sabereis dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada" (GUIMARÃES, p. 19). Talvez a moça não fosse tão branca como o literato gostaria. O corpo dela ainda foi minimamente detalhado, conforme intelectuais e cientistas gostavam de fazer com mulheres negras.

Malvina ocupava o lado oposto. Era a senhora que repreendia a escrava. O físico dessa outra mulher recebe um tratamento diferenciado. Era "uma formosa dama ainda no viço da mocidade, bonita, benfeita e elegante". Para completar, havia a associação entre o fato de ter

* Universidade Federal de Uberlândia. Doutora em História Social da Cultura.

olhos azuis e ser uma pessoa bondosa. Desse modo, essas duas personagens femininas aparecem logo no princípio do romance e, enquanto Isaura era a escrava "quase branca", Malvina ganhava vida como a senhora branca e bondosa. Havia naquela construção a ideia de "estudar" uma possível excentricidade característica do corpo das mulheres descendentes de africanos e a beleza natural da europeia nascida nos trópicos.

Completando as personagens femininas em destaque naquele romance, encontramos, mais adiante, a mulata Rosa. Vejamos a descrição completa:

> Esbelta e flexível de corpo, tinha o rostinho mimoso, lábios um tanto grossos, mas bem modelados, voluptuosos, úmidos e vermelhos como boninas que acabam de desabrochar em manhã de abril. Os olhos negros não eram muito grandes, mas tinham uma viveza e travessura encantadoras. Os cabelos negros e anelados podiam estar bem na cabeça da mais branca fidalga de além-mar. Ela, porém, os trazia curtos e mui bem frisados à maneira dos homens. Isto, longe de tirar-lhe a graça, dava à sua fisionomia zombeteira e espevitada um chiste original e encantador. Se não fossem os brinquinhos de ouro, que lhe tremiam nas pequenas e bem-molduradas orelhas, e os túrgidos e ofegantes seios que como dois trêfegos cabritinhos lhe pulavam por baixo de transparente camisa, toma-la-ieis por um rapazote maroto e petulante. (GUIMARÃES, P. 43-44)

Rosa representava a mulher que mais tarde ganharia espaço nas letras de músicas e nos enredos de romances (ABREU, 2004, P. 11). Era uma personagem marcada pela sexualidade. Desse modo, contrastava com Isaura. Embora as duas possuíssem descendência Africana, apenas Isaura havia sido talhada para o casamento. É em torno das possibilidades de casamento de Isaura que toda a história transcorre. Sendo assim, aparecem alguns pretendentes e quase todos possuem a intenção de livrá-la do cativeiro, desde que a menina passasse a ser esposa/amante deles.

Enquanto Bernardo Guimarães preparava a trama de *A Escrava Isaura*, homens e mulheres visualizavam o casamento como uma saída para abandonar de vez os mundos do trabalho. Miravam uma boa herança para suprir as necessidades do casal que viveria na bonança sem ter que exercer qualquer ofício mais ou menos árduo. Essa foi a estratégia usada por Leôncio, quando fez a opção de se casar com Malvina. Bernardo Guimarães chega a afirmar que esse casal se casou por amor, mas logo vamos descobrindo que tudo não passou de um subterfúgio do rapaz para escapar do mercado de trabalho. Segundo o literato, "Leôncio olhou para o casamento como o meio suave e natural de adquirir fortuna, como a

única carreira que se lhe oferecia para ter dinheiro a esbanjar a seu bel-prazer" (GUIMARÃES, P. 23).

Sendo assim, não deveria parecer estranho ao público leitor, quando o possível casamento de Isaura perdia as justificativas românticas e ganhava a conotação de sobrevivência longe do cativeiro. Isaura recebe algumas propostas que merecem ser analisadas. Henrique, irmão de Malvina, é um desses pretendentes e o primeiro a disputar a moça de forma mais direta com o senhor Leôncio. Henrique ao menos não era casado. Mas isso não garantia que o rapaz fosse casar-se oficialmente com Isaura. A oferta de Henrique apareceu nos seguintes termos: "Além da liberdade terás tudo o que desejares, sedas, joias, carros, escravos para te servirem, e acharás em mim um amante extremoso, que sempre te há de querer e nunca te trocará por quanta moça há por este mundo, por bonita e rica que seja, porque tu só vales mais que todas elas juntas" (GUIMARÃES, P. 29). Henrique pretendia transformar Isaura em amante dele.

Outro que também estava nesse páreo era Belchior. Este tem suas características físicas associadas a um "monstrengo". Isso, no entanto, não o impedia de acreditar que seria o escolhido. A oferta de Belchior era a seguinte: "Se me quiseres, como eu te quero, arranjo-te a liberdade e caso-me contigo, que também não és para andar aí assim como escrava de ninguém" (GUIMARÃES, P. 34). As propostas de Henrique e Belchior ajudam a entender o lugar pensado pelas mulheres naquela sociedade. A liberdade tinha o limite do casamento. Significava sair da sujeição senhorial e entrar para um lar, organizado segundo as vontades de um marido/amante que carregaria a lembrança da gratidão. Ex-escravas ou mulheres nascidas livres precisavam ter ser corpos contidos pelo casamento, de acordo com a narrativa proposta por Bernardo Guimarães.

Os dois homens brancos que vão disputar com mais persistência a mocinha Isaura serão Leôncio e Álvaro. Leôncio é o grande vilão da história. Era casado com Malvina e senhor de Isaura. Pretendia manter Isaura na escravidão, porque acreditava que a liberdade a levaria para longe dele. O caminho seguido por uma escrava para alcançar a liberdade, de acordo com as ideias defendidas pelo literato, era muito mais longo. Não bastava uma boa instrução e habilidade para exercer algum ofício. O casamento impunha-se como ferramenta de controle para as mulheres livres e também para as escravas, especialmente às domésticas.

Álvaro era o príncipe encantado do romance. Suas diferenças apareciam logo no tratamento oferecido aos escravos, sendo descrito como "abolicionista exaltado". O posicionamento de Álvaro é bastante estratégico para Bernardo Guimarães, pois, além de mostrar como os senhores de escravos deveriam se portar para buscar trabalhadores, o personagem também servia de exemplo sobre como se relacionar com as mulheres. É interessante observar que, nesse caso também, o jovem abolicionista usava sua fortuna para tentar atrair Isaura. Afirmava diante da moça, antes de saber da condição dela de escravizada, que era "senhor de uma fortuna considerável", tinha uma "posição honrosa e respeitável na sociedade" e gostaria de partilhar com ela "os bens que a fortuna prodigalizou-me" (GUIMARÃES, P. 83).

Álvaro e Isaura conheceram-se quando a menina havia fugido para o Recife e tentava manter uma vida discreta, como se tivesse nascido livre. Foi descoberta por causa de um anúncio de jornal e, a partir de então, passou a contar com a proteção de Álvaro que pretendia alcançar a liberdade dela por meio jurídico. Frustrado em todas as possibilidades, acabou descobrindo que o algoz de Isaura era devedor de uma grande fortuna. Ao quitar as dívidas de Leôncio, Isaura passou então a ser escrava de Álvaro. Assim, a história tem final feliz, com a personagem sendo resgatada. Embora tenha resistido ao casamento como moeda de troca para a liberdade ao longo de todo o romance, na verdade, o epílogo reafirma essa possibilidade como única para uma mulher. Tudo aparece sob a névoa do amor romântico.

Aparentemente o romance oferece apenas uma opção às mulheres: o casamento. No entanto, ao longo da narrativa as personagens femininas, especialmente as escravas, aparecem cuidando de vários afazeres domésticos, embora tais atividades não fossem reconhecidas como trabalho. Além disso, as atividades praticadas fora do lar eram vistas como forma de castigo. O trabalho doméstico era qualificado como serviços "levianos e dedicados". Até mesmo a tarefa de tecer o algodão não era vista como uma forma de trabalho. Ainda assim, merece destaque sob a pena de Bernardo Guimarães:

> Ao longo do salão, defronte de largas janelas guarnecidas de balaústres, que davam para um vasto pátio interior, via-se postada uma fila de fiandeiras. Eram de vinte a trinta negras, crioulas e mulatas, com suas tenras crias ao colo ou pelo chão a brincarem em redor delas. Umas conversavam, outras cantarolavam para encurtar as longas horas de fastidioso trabalho. Viam-se ali caras de todas as idades, cores e feitios, desde a velha africana, trombuda e macilenta, até a roliça e luzidia crioula,

> desde a negra brunida como azeviche até a mulata quase branca. (GUIMARÃES, P. 43).

Além de descrever o ambiente de trabalho, Bernardo Guimarães também deixava registrada a linha de branqueamento a qual acreditava que o país estava passando. Para isso, desqualificava aquelas que estavam mais próximas das origens africanas. Mesmo as personagens escravas que faziam funcionar a roda de fiar acreditavam que aquele trabalho era, de certo modo, mais ameno e temiam o futuro no cafezal. Para tanto, ponderavam: na lavoura, ficariam mais "à vontade", longe das vistas senhorial; trabalhando como fiandeiras, por sua vez, estavam livres "do maldito feitor". A conta não era fácil de ser realizada.

O trabalho como castigo foi utilizado por Leôncio para tentar conseguir os tão desejados "favores sexuais" de Isaura. A menina foi retirada do lar, lugar onde as mulheres não trabalhavam segundo a visão masculina, e levada para junto das outras escravas. Lá foi alertada pelo feitor:

> De hoje em diante é aqui o teu lugar; esta roda te pertence, e tuas parceiras que te deem tarefa para hoje. Bem vejo que te não há de agradar muito a mudança; mas que volta se lhe há de dar?... Teu senhor assim o quer. Anda lá; olha que isto não é piano, não; é acabar depressa com a tarefa para pegar em outra. Pouca conversa e muito trabalhar... (GUIMARÃES, P. 46).

Isaura não teve dificuldades no novo trabalho. Por mais que Bernardo Guimarães gostasse de lembrar que Isaura estava mais acostumada com os trabalhos "delicados" da sala. Ainda acrescentava que, provavelmente quem observasse a cena de Isaura trabalhando, poderia imaginar que estava ali uma "senhora moça que, por desenfado, fiava entre as escravas" (GUIMARÃES, P. 46). O trabalho, portanto, aos brancos serviria como forma de castigo e também como desenfado. Para Leôncio, o trabalho fiando o algodão era um "lugar de vadiação". Por isso, sua cartada final, foi mandar todas as mulheres para a colheita de café.

Certamente a própria Isaura, assim como outras mulheres que cuidavam de suas casas, com filhos e marido, talvez acreditassem que o serviço realizado por elas fosse menor, não só em esforço físico como em importância. Por isso, quando planejaram a fuga para o Recife, o pai de Isaura considerava que tinham condições de se manter sozinhos. Pois ele poderia trabalhar, enquanto ela tinha "prendas e habilitações" (GUIMARÃES, P. 75). Bernardo Guimarães, por meio de seu romance, apoiava e ajudava na divulgação da ideia de que os escravos, depois de libertos, poderiam atuar como trabalhadores nas lavouras. Com isso, dialogava e discordava de quem desconfiava da impossibilidade dessa substituição. Com

relação às mulheres escravas, por mais que guardassem "prendas e habilitações", somente o casamento poderia livrá-las de qualquer corrupção ou vida desregrada.

Talvez o casamento livrasse Isaura e outras mulheres do trabalho na lavoura, mas as mantivesse dentro de casa, exercendo as mais diversas funções, sem que fossem consideradas trabalhadoras. Com isso, Bernardo Guimarães seguia tendência comum e amplamente divulgada nos principais periódicos voltados para a família de sua época. No mesmo momento em que o romance começou a circular, uma das revistas dirigidas à família de maior sucesso era o *Jornal das Famílias*. Publicação mensal de Garnier, desde 1963, contava com a participação constante de Machado de Assis que usou diversos pseudônimos (SILVEIRA, 2005). Assim, entre setembro e outubro de 1866, usando a assinatura J.J., alguns dos prováveis leitores de *A Escrava Isaura* acompanharam a dura realidade de Malvina, que teve suas características descritas logo no primeiro parágrafo da narrativa:

> Tinha vinte e dois anos e era professora de piano. Era alta, formosa, morena e modesta. Fascinava e impunha respeito; mas através do recato que ela sabia manter sem cair na afetação ridícula de muitas mulheres, via-se que era uma alma ardente e apaixonada, capaz de atirar-se ao mar, como Safo ou de enterrar-se com o seu amante como Cleópatra.
>
> Ensinava piano. Era esse o único recurso que tinha para sustentar-se e a sua mãe, pobre velha a quem os anos e a fadiga de uma vida trabalhosa não permitiam já tomar parte nos labores de sua filha. (JORNAL DAS FAMÍLIAS, setembro de 1866).

Assim como Isaura, Malvina era pianista e "morena" / "quase branca". Malvina dependeu dos ganhos obtidos com o seu ofício até se casar com Tomás Valença, herdeiro de uma grande fortuna. O rapaz, no entanto, ao optar pelo casamento, acabou sendo afastado da família e de toda a riqueza. Por isso, Malvina tornou-se uma pobre dona de casa que precisava cuidar de todos os afazeres domésticos sem que daquilo recebesse qualquer reconhecimento. Isso ficou claro, quando o sogro adoeceu e precisou da ajuda dela:

> - Já não posso vê-lo. Há muitos dias que ele não vai. Quanto à senhora, creio que decididamente nunca mais lá volta...
>
> - Não tenho podido...
>
> - Por quê?
>
> - Ora, isso não se pergunta a uma dona de casa.
>
> - Então tem muito o que fazer?...
>
> - Muito.

> - Oh! Mas nem meia hora pode dispensar? E que tanto trabalho é esse?
>
> Malvina sorriu-se.
>
> - Como lhe hei de explicar? Há tanta coisa miúda, tanto trabalho que não aparece, enfim coisas de casa. E se nem sempre estou ocupada, estou muitas vezes preocupada, e outras simplesmente cansada... (JORNAL DAS FAMÍLIAS, outubro de 1866).

Essa conversa entre Malvina e o sogro dela deixa claro como o trabalho doméstico, em meados do século XIX, não era reconhecido como tal. Especialmente quando realizado por esposas, dentro do lar senhorial. Isso ajuda a entender o posicionamento de Leôncio, em *A Escrava Isaura* e, quiçá, de outros homens reais que viveram o século XIX, XX e XXI. Na verdade, o reconhecimento do trabalho doméstico foi fruto de uma luta intensa. Enquanto os personagens masculinos de Machado de Assis e Bernardo Guimarães duvidavam de que alguma coisa de importante pudesse ser feito dentro do lar, mulheres, como a redatora de *O Sexo Feminino*, tentavam mostrar que suas leitoras poderiam exercer alguma atividade remunerada fora de casa e ainda cuidar dos afazeres domésticos. No número de abertura desse periódico, havia o seguinte aconselhamento dirigido diretamente aos pais das moças:

> Em vez de pais de família mandarem ensinar suas filhas a coser, engomar, lavar, cozinhar, varrer a casa etc., etc., mandem-lhes ensinar a ler, escrever, contar, gramática da língua nacional *perfeitamente*, e depois, *economia* e *medicina doméstica*, a *puericultura*, a *literatura* (ao menos a nacional e portuguesa), a *filosofia*, a *história*, a *geografia*, a *física*, a *química*, a *história natural*, para coroar esses estudos a *instrução moral e religiosa;* que *estas meninas assim educadas* não dirão quando moças estas tristes palavras:
>
> "Se meu pai, minha mãe, meu irmão, meu marido morrerem o que será de mim!!". (O SEXO FEMININO, 7 de setembro de 1873)

Talvez aqui houvesse a estratégia de mostrar como seria importante oferecer uma educação formal às mulheres, que poderiam recorrer aos mundos do trabalho em casos extremos. Ao fazer isso, no entanto, aquela redatora também deixava de valorizar e considerar o trabalho doméstico. Este deveria ser realizado por escravas ou criadas que seriam geridas por senhoras casadas. Desse modo, a personagem de Bernardo Guimarães parecia ter sido confeccionada com esse propósito. Talvez fosse a melhor representante daquilo que se esperava das mulheres brasileiras: muito bonita e bem educada. Mas que estaria disposta a abrir mão de tudo em função de um casamento.

Durante muito tempo, *A escrava Isaura* foi lida com interesse voltado apenas para o estranhamento de se encontrar uma escrava "quase" branca. Com certeza, essa possibilidade assustava muito os contemporâneos do romance. Por isso a urgência de se libertar mulheres como Isaura que poderiam gerar filhos ainda mais brancos. No entanto, é possível perceber, naquela narrativa, a existência de um projeto político voltado para o sexo feminino que deveria ser controlado por meio do casamento. Essa estratégia era válida apenas quando se tratava de mulheres brancas ou "quase" brancas. Porque as mulheres que carregavam características físicas que as aproximavam da África serviriam para o deleite masculino e para o trabalho no cafezal. Talvez Bernardo Guimarães acreditasse que apenas as mulheres como Isaura estavam capacitadas para usar o piano e cuidar dos afazeres domésticos mais "delicados". O romance de modo algum destoava daquilo que aparecia em outras laudas. Ao contrário, parecia haver um circuito de comunicação, no qual homens e mulheres escritoras usavam suas penas para tentar decidir sobre a vida de milhares de mulheres reais. O que aquelas leitoras fizeram com esses textos, quais as possibilidades de interpretação abertas já não estava no controle daqueles intelectuais. Por isso, a importância de uma personagem como a Malvina, do conto "A pianista", e do seu diálogo com o sogro. Afinal de contas o que seria o trabalho realizado por tantas mulheres pobres dentro de casa, mesmo depois do casamento? "Há tanta coisa miúda, tanto trabalho que não aparece, enfim coisas de casa". Um trabalho que preocupava e certamente as deixavam cansadas, como explicava a personagem sem a esperança de que fosse compreendida por um homem.

Referências:

GUIMARÃES, Bernardo. *A Escrava Isaura*. São Paulo: Moderna, 2014.

JORNAL DAS FAMÍLIAS, setembro e outubro de 1866.

O SEXO FEMININO. 7 de setembro de 1873.

ABREU, Martha. "'Sobre mulatas orgulhosas e crioulos atrevidos': conflitos raciais, gênero e nação nas canções populares (Sudeste do Brasil, 1890-1920)". *Tempo*. Rio de Janeiro, N. 16, V. 8, janeiro de 2004.

ALVES, Kleberson da Silva. "*Por que razão não libertam esta menina?" Discurso emancipacionista e perfil do liberto ideal no romance A Escrava Isaura*. Dissertação de mestrado em História, Universidade do Estado da Bahia, 2010.

CÔRREA, Mariza. "Sobre a invenção da mulata". *Cadernos Pagu* (6-7), 1996, P. 45.

SILVEIRA, Daniela Magalhães da. *Contos de Machado de Assis: leituras e leitores do Jornal das Famílias*. Dissertação de mestrado em História, Unicamp, 2005.

XAVIER, Giovana. "Entre personagens, tipologias e rótulos da 'diferença': a mulher escrava na ficção do Rio de Janeiro no século XIX". In: XAVIER, Giovana; FARIAS, Juliana Barreto; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Mulheres negras no Brasil escravista e do pós-emancipação*. São Paulo: Selo Negro, 2012.